



ÓBITOS DE IDOSOS PORTADORES DE HIV DE 2010 A 2022 NO BRASIL POR REGIÃO

¹ Maria Clara Candiles Grunewald; ² Samuel Italo da Silva Rocha; ³ Gabrielle Beatriz Melotto Marrocos; ⁴ Vitória Brunieri Silva Godeiro; ⁵ Isadora Brasil Falcão.

¹ Graduando em Medicina pela Universidade Potiguar – UNP; ² Graduando em Medicina pela Universidade Potiguar – UNP; ³ Graduando em Medicina pela Universidade Potiguar – UNP; ⁴ Graduando em Medicina pela Universidade Potiguar – UNP; ⁵ Graduando em Medicina pela Universidade Potiguar – UNP;

Área temática: Temas transversais

Modalidade: Comunicação Oral On-line

E-mail dos autores: mclaracandiles23@gmail.com¹; samuelrocha7171@gmail.com²; gabriellemarrocos@gmail.com³; vivi.bruny@hotmail.com⁴; ibrasilfalcao@gmail.com⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: O vírus HIV ataca o sistema imunológico, especialmente os linfócitos T CD4+. A infecção pelo HIV tem várias fases, incluindo a fase assintomática que pode durar anos até o surgimento de infecções oportunistas, definindo a AIDS. O número de idosos com HIV vem aumentando devido à expectativa de vida, à atividade sexual e à falta de reconhecimento do risco. É estimado que 0,04% dos idosos são portadores do vírus HIV, totalizando cerca de 5.500 idosos com a doença. As taxas de mortalidade pelo HIV/AIDS são prevalentes nas regiões Norte e Nordeste do Brasil e afetam principalmente indivíduos acima de 60 anos. **OBJETIVO:** Analisar a quantidade de óbitos de idosos portadores de HIV no Brasil de 2010 a 2022. **MÉTODOS:** Estudo epidemiológico descritivo, realizado na base de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), com uma população selecionada de pessoas a partir dos 60 anos, diagnosticados com doença pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) que evoluíram para óbito nos anos de 2010 a 2022, considerando as cinco regiões do Brasil. **RESULTADOS:** Os dados demonstram aumento dos óbitos de idosos portadores de HIV no período analisado, com ênfase nas regiões Norte e Nordeste. Os dados, porém, demonstram oscilação dos registros no intervalo observado, com períodos de quedas e crescimento das mortes. **CONCLUSÃO:** Constata-se o grande número de mortes de idosos devido ao HIV e a oscilação de número de casos entre as regiões brasileiras. É notável a necessidade de avaliação dos dados epidemiológicos e do desenvolvimento de estratégias para garantir promoção e prevenção efetivas acerca de doenças transmissíveis em idosos no Brasil.

Palavras-chave: (HIV), (Idoso), (Epidemiologia).

1 INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana ou HIV, na sua sigla em inglês, ataca o sistema imunológico, o qual tem a função de defesa do organismo contra doenças. As principais células afetadas são os linfócitos T CD4+, os quais têm o seu DNA copiado. Após realizar sua multiplicação, o vírus fragmenta os linfócitos com o objetivo de continuar a infecção em outros (BRASIL, 2022).



A infecção pelo HIV, envolve várias fases, cujas durações variam de acordo com a resposta imunológica e a carga viral do indivíduo. Entre a primeira e a terceira semana após a entrada do vírus no organismo, ocorre a primeira fase da infecção, também conhecida como infecção aguda. A fase subsequente, conhecida como infecção assintomática, pode durar anos até o surgimento de infecções oportunistas, como tuberculose, neurotoxoplasmose e neurocriptococose, bem o de algumas neoplasias, como linfoma de Hodgkin e sarcoma de Kaposi. A existência desses acontecimentos define a AIDS, ou síndrome da imunodeficiência definida(BRASIL, 2022).

Estima-se que 0,04% da população acima de 65 anos no Brasil sejam portadores do vírus HIV, totalizando cerca de 5.500 idosos com a doença. Os mesmos estudos também evidenciam que idosos com prática sexual ativa e sem parceiro fixo subestimam o risco de infecção e menos de 20% utilizam camisinha. O sistema imunológico frágil de pessoas com mais de 60 anos complica a detecção precoce de infecções por HIV, sendo que os sintomas da AIDS podem ser confundidos com os de outras enfermidades, dificultando o tratamento adequado (MACHADO, Leandro F. 2016).

De acordo com alguns especialistas, o aumento gradual da propagação do vírus do HIV na terceira idade pode ser atribuído ao crescimento da expectativa de vida, bem como da atividade sexual, e também à falta de reconhecimento do risco pelos idosos, o que pode levar à prática de sexo inseguro. Dado que os idosos cresceram em uma época em que o uso de preservativos não era tão comum, é complicado para eles compreenderem que o HIV é um problema em todas as faixas etárias e que o preservativo não reduz a qualidade do prazer sexual. Além das questões culturais, outro fator determinante para o alto número de idosos infectados com o HIV é o fácil acesso aos medicamentos para tratar a disfunção erétil, que têm proporcionado uma vida sexual mais prolongada para eles e colaborado para a desmitificação do sexo na terceira idade (MACHADO, Leandro F. 2016).

Conforme um estudo publicado, as taxas de mortalidade provocadas pelo HIV/AIDS foram prevalentes nas regiões Norte e Nordeste, sendo a faixa etária mais afetada indivíduos acima de 60 anos, comparando a outras idades que apresentam dados decrescentes referentes ao número de óbitos(CUNHA, Ana P. 2021).

Assim, esse estudo tem por objetivo analisar a quantidade de óbitos de idosos portadores de HIV no Brasil de 2010 a 2022.

2 MÉTODO





Trata-se de um estudo ecológico. Inicialmente, foram localizados os arquivos de domínio público, do Sistema Único de Saúde para o período de 2010 a 2022 no endereço eletrônico do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram extraídos dados dos óbitos por ano atendimento, segundo região. Para análise dos dados, foram consideradas as cinco regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste). Teve como população idosos a partir dos 60 anos, diagnosticados com a doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV], agrupados de acordo com a Nomenclatura Internacional de Doenças, estabelecida pela Organização Mundial de Saúde – CID 10. Nos critérios de inclusão, foi considerada a faixa etária acima de 60 anos e na seleção de óbitos, foram selecionadas as categorias de doenças pelo vírus da imunodeficiência humana e estado infeccioso assintomático do vírus da imunodeficiência humana. Ainda nesse viés, para os critérios de exclusão, considerou-se os dados antes do ano de 2010. Os dados foram apresentados em forma de tabela de distribuição de frequência dos óbitos de idosos portadores de HIV para cada região, construídos com o auxílio do Programa TabNet no Ministério da Saúde.

Vale ressaltar que a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa foi dispensada, em conformidade com a Resolução nº 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, devido à fonte de dados utilizada neste estudo, a qual emprega exclusivamente dados secundários de domínio e acesso público sem identificação nominal.

3 RESULTADOS

No período analisado, o Brasil registrou o total de 4428 mortes de idosos portadores de HIV. Os dados demonstram que houve aumento do número de casos notificados entre 2010 e 2022. Ao todo, o país registrou 339 óbitos em 2022, 52 registros a mais que os 287 em 2010, representando um aumento de 18% (DATASUS, 2023). Os dados estão demonstrados na tabela 01, situada abaixo.

Tabela 01 - Óbitos de idosos portadores de HIV de 2010 a 2022 no Brasil por Região.

Região	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	Total
Norte	19	23	23	28	27	35	35	45	41	32	32	36	40	416
Nordeste	42	53	66	62	62	65	81	86	82	114	74	93	105	985
Sul	65	76	71	84	77	86	102	80	79	92	69	71	65	1017
Sudeste	139	129	130	136	136	152	161	134	132	130	118	108	101	1706
Centro Oeste	22	17	30	15	22	20	21	26	26	30	24	23	28	304
Total	287	298	320	325	324	358	400	371	360	398	317	331	339	4428





Fonte: DATASUS.

Das 05 regiões do país, 03 apresentaram aumento de óbitos em 2022. Dessas, destacam-se a região Nordeste, que foi de 42 casos para 105(+150%), e a região Norte, que partiu de 19 casos para 40(+111%). Há, ainda, a região Centro-Oeste, que foi de 22 casos para 28(+27%) (DATASUS, 2023).

Duas regiões não apresentaram aumento no último ano: o Sul e o Sudeste. A região Sul, apesar de ter apresentado aumento em alguns períodos, atingindo a marca de 102 mortes em 2016, terminou 2022 com a mesma quantidade de registros de 2010, 65 casos(+0%). A região Sudeste também chegou a registrar aumento em alguns anos, chegando ao ápice em 2016 com 161 casos. Em 2022, no entanto, houve registro de queda, com 101 óbitos registrados(-27%) (DATASUS, 2023).

4 DISCUSSÃO

Nota-se o aumento do número de registros de óbitos de idosos portadores de HIV no país. No entanto, esse número oscila ao longo dos anos, apresentando períodos de quedas e de aumentos. A região Sudeste vem apresentando quedas consecutivas desde 2016, o que pode expressar um maior combate à transmissão do HIV nessa faixa etária, como, também, melhorias no tratamento e acompanhamento do público acometido. A região Sul também apresentou queda no último ano. No entanto, os dados demonstram oscilação nos registros anuais, havendo aumentos e quedas (DATASUS, 2023).

Já as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste apresentaram aumento significativo, com ênfase para as duas citadas por último, que apresentaram mais do que o dobro de casos registrados em 2010. No entanto, as três regiões seguem o quadro da região Sul, apresentando oscilações, com quedas e aumentos nos registros ao longo do período analisado (DATASUS, 2023).

O panorama apresentado demonstra que o HIV tem sido uma adversidade presente entre os brasileiros com 60 anos ou mais. Nesse contexto, a desinformação parece ser um importante ponto a ser combatido. Uma pesquisa realizada no Hospital Presidente Vargas, na cidade de São Luís, no Maranhão, buscou identificar o perfil comportamental de idosos portadores de HIV. Foi constatado que a maioria dos participantes possuía vida sexual ativa, e todos conheciam a camisinha. No entanto, apesar do conhecimento acerca do preservativo, apenas 61% afirmou que sempre fazia uso dele, com 11% afirmando que nunca utilizou. Os motivos que levavam os idosos a não utilizar o objeto incluíam a crença de que ele causava a perda da ereção e sensibilidade, além de impedir o prazer (SERRA et



al. 2013). Tais crenças incentivam a prática do sexo desprotegido, favorecendo, também, a disseminação do HIV (AGUIAR et al. 2020).

Quanto ao diagnóstico do HIV nos idosos. Percebe-se, também, um atraso nesse processo. Um estudo realizado no estado de São Paulo no ano de 2012 avaliou idosos soropositivos para o vírus. Foi constatado que muitos diagnósticos foram realizados de maneira tardia, ocorrendo a partir da apresentação de outros sintomas nesses indivíduos e sendo realizado nos níveis secundários e terciários, fugindo assim, da hierarquia do Sistema Único de Saúde(SUS), que preza pela prevenção e promoção da saúde, com investimento na atenção primária de saúde. Tal situação cria uma sobrecarga nos serviços da média e alta complexidade(ALENCAR, 2012).

O presente estudo constata, assim, o crescimento do número de óbitos entre idosos portadores de HIV no Brasil nos últimos anos. Os achados sugerem que há uma certa resistência desse público quanto ao uso de preservativos. Essa oposição pode estar relacionada, em parte, com a desinformação e crenças errôneas de que o objeto prejudica a prática sexual. Além disso, as informações apresentadas apontam para um atraso no diagnóstico da infecção nessa faixa etária. Reforçando a necessidade de campanhas educativas e de rastreamento para que haja o incentivo da prática sexual protegida e inibição da transmissão do vírus, além do diagnóstico precoce.

5 CONCLUSÃO

Portanto, é notória a atividade aumentada de casos de mortalidade de idosos devido ao HIV durante o período de 2010 a 2022, como também, a oscilação entre as demais regiões do Brasil. No que tange, fatores agravantes desse acontecimento se baseiam, possivelmente, na falta de prevenção quanto ao uso do preservativo na conduta sexual, a qual pode existir devido ao desconhecimento dos altos riscos sobre IST's, como também, a facilidade de encontrar medicamentos para disfunção erétil, ocasionando uma vida sexual mais prolongada e desprotegida.

Assim, ao levantar esses fatores, nota-se a importância da capacitação do profissional da saúde para com a garantia de uma promoção e prevenção eficazes contra doenças transmissíveis em idosos, principalmente na atenção primária à saúde. Além disso, as informações epidemiológicas levantadas contribuem para avaliar e desenvolver dinâmicas e estratégias de controle e prevenção nas regiões brasileiras, sendo válido destacar o caminho de diminuição dos casos de óbito de idosos por HIV na região Sudeste, que apresentou quedas consecutivas desde 2016, contrariando a tendência das outras regiões, que apresentaram constantes oscilações.





REFERÊNCIAS

ALENCAR, Rúbia de Aguiar. O idoso vivendo com HIV/AIDS: a sexualidade, as vulnerabilidades e os enfrentamentos na atenção básica. 2012. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-25102012-124633/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

AGUIAR, Rosaline Bezerra *et al.* Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, p. 575-584, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12052018>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Brasil, Ministério da Saúde. O que é?. Disponível em <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/hiv-aids/o-que-e>. Acesso em 16 de maio de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. PROTOCOLO CLÍNICO E DIRETRIZES TERAPÊUTICAS PARA ATENÇÃO INTEGRAL ÀS PESSOAS COM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST). 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/@@download/file. Acesso em: 16 maio 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. TabNet Win32 3.0: Morbidade Hospitalar do SUS - por local de residência - Brasil. 2023. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sih/cnv/nruf.def>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CUNHA, Ana Paula da; CRUZ, Marly Marques da; PEDROSO, Marcel. Análise da tendência da mortalidade por HIV/AIDS segundo características sociodemográficas no Brasil, 2000 a 2018. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 3, p. 895-908, mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.00432021>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FERNANDES MACHADO, Leandro; PEIXOTO, Maristela. HIV na terceira idade. In: IV SEMINÁRIO DE ENFERMAGEM: DESAFIOS PARA A SAÚDE COLETIVA BRASILEIRA, 2016, Novo Hamburgo. IV seminário de enfermagem: desafios para a saúde coletiva brasileira. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2016. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/e1308ee1-aab3-4530-869e-febb9fe41e46/12HIV%20NA%20TERCEIRA%20IDADE.pdf> Acesso em: 17 maio 2023.

SERRA, Allan *et al.* Percepção de vida dos idosos portadores do HIV/AIDS atendidos em centro de referência estadual. *Saúde em Debate*, v. 37, n. 97, p. 294-304, jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-11042013000200011>. Acesso em: 28 jun. 2023.

